



The World Academic Society of Medical Qigong

世界醫學氣功學會



A EXTRAORDINÁRIA FORMAÇÃO MÉDICA TRADICIONAL NO EXTREMO-ORIENTE *

(Quem sabe mobilizar Qi?)

A formação médica tradicional do Extremo-Oriente teve duas épocas: a primeira, antes da Dinastia Han (206 a.C. a 220 a.C.); a segunda, depois da mencionada Dinastia, período no qual os fundamentos teóricos e as práticas da Medicina Chinesa foram estabelecidos, incluindo os conceitos de Yin e Yang, os Cinco Movimentos, a teoria dos canais de energia etc. A farmacopeia e as várias técnicas de inserção de agulha e as práticas de moxabustão foram promovidas na mesma época, de forma organizada, favorecendo o ensino e a difusão das mesmas.

O Tratado de Medicina do Imperador Amarelo, composto pelos livros Su Wen e o Ling Shu, foi o mais importante documento da história da Medicina Chinesa. Nele, encontramos muitos ensinamentos nos quais, até hoje, os médicos tradicionais e os acupunturistas se baseiam para a prática da Acupuntura e da Medicina Chinesa. Entretanto, muitos conhecimentos e práticas importantes foram esquecidos devido à necessidade de adaptar esses conhecimentos milenares à realidade das culturas ocidentais e às tendências da ciência.

Os acupunturistas contemporâneos têm muita curiosidade a respeito da formação do médico chinês do passado. Muitos relatos da prática da Medicina Chinesa se transformaram em verdadeiras inspirações para os estudantes e profissionais da Acupuntura, inclusive da própria China, onde essa ciência teve origem. A perfeita interconexão dos recursos terapêuticos e a riqueza propedêutica distinguia a Medicina Chinesa ancestral como uma medicina de alto valor profilático e de expressiva resolubilidade para os padrões daquele tempo. A ação terapêutica dessa medicina tradicional nos campos somático, psíquico e energético integrados prevalecia na formação do médico chinês da época, período no qual a medicina do Ocidente ainda estava por ser constituída.

Além da Acupuntura, da farmacoterapia, da dietética, das práticas manipulativas e meditativas, também existiam os exercícios energéticos, como o *Qi Gong* médico (em japonês, *Kiko*), que se constituía de práticas físicas de mobilização de energia, através de uma preparação especial, abrangendo exercícios de desbloqueio, de captação, de mobilização e de armazenamento de energia Qi com finalidades clínicas. Outras práticas físicas foram igualmente desenvolvidas com objetivos terapêuticos e de promoção da saúde, e se diferenciavam de práticas marciais, religiosas e filosóficas.

O *Qi Gong* médico é uma terapia chinesa milenar. “Qi” significa energia e “Gong” é a união das condições fisiológicas, energéticas, mentais e emocionais do praticante. É um método que visa mobilizar, harmonizar e aplicar o "fluxo energético" no corpo. Os antigos médicos chineses acreditavam que, ao realizarem os exercícios de *Qi Gong*, os pontos de entrada de energia do corpo ficavam abertos, absorvendo a energia da natureza. Hoje é possível conceber que os campos bioeletromagnéticos se modificavam de momento a momento, sendo afetados pelos eventos energéticos que estão sucedendo ao nosso redor, constituídos por diferentes tipos de forças energéticas, como a eletromagnética ou a gravitacional, por exemplo. A concepção de que as “energias sutis” podem ser definidas como sendo todas as formas de energias, além daquelas atualmente reconhecidas pela física, deixa-nos a impressão de algo misterioso, porém não há absolutamente no *Qi Gong* médico nenhuma fundamentação mística, tampouco possui qualquer base religiosa do modelo ocidental nas práticas dessa terapia. Sua aplicação requer, entretanto, a intencionalidade consciente do praticante com o intuito de reorganizar o campo energético humano.

Com a introdução da Medicina Ocidental no Oriente, mormente na China e no Japão, muitos recursos terapêuticos antigos foram dando lugar a outros conhecimentos modernos nos programas de formação do médico tradicional, aproximando os dois paradigmas médicos do Ocidente e do Oriente. Não obstante ao inevitável e saudável encontro desses dois paradigmas médicos, muitos valores foram esquecidos, sobretudo no que se refere ao treinamento profissional do médico tradicional no qual era enfatizado não apenas o conhecimento, o saber teórico, mas a experiência clínica, envolvendo a preparação mental, física e energética do mesmo, orientada por um acurado preceptor (mestre) que se dedicava a fornecer ao discípulo a sua própria vivência profissional. Tratava-se de uma transmissão especial do saber que norteava todo o aperfeiçoamento do discípulo até a sua maturidade laboral para o exercício da profissão. Isso poderia levar muitos anos de treinamento, diversamente do aprendizado escolar regulado por uma programação acadêmica com tempo definido.

Infelizmente, muitos valores da medicina chinesa antiga foram parcialmente perdidos, e com eles a possibilidade do profissional empregar os conhecimentos e práticas adquiridos,

não apenas no tratamento de seu paciente, sobretudo em si mesmo, fugindo da visão assistencial restrita da cura da doença, porquanto o espectro da relação médico-paciente era dimensionado num nível muito mais abrangente e humano. Diferentemente do tecnicismo, do organicismo, do materialismo e do cientificismo ocidental, os conceitos médicos orientais repousam na relação do homem com a natureza e na integração humana mais efetiva, fortalecendo a coerência doutrina-praxis.

Obviamente, os conhecimentos médicos modernos foram agregados ao modelo tradicional sem comprometer os valores médicos tradicionais, porém, muitos saberes foram esquecidos, notadamente no campo da prevenção da doença e da promoção da saúde, inclusive do próprio profissional. Os médicos ocidentais, e muitos orientais, não atentavam nem atentam, porque não sabiam e nem sabem cuidar de suas próprias saúdes, uma vez que aprenderam com professores que, também, não sabiam cuidar de si mesmos, ou seja, careciam e ainda carecem da orientação de um verdadeiro mestre, de um exemplo a ser seguido.

Os textos antigos da Medicina Chinesa ressaltavam que “a mobilização do Qi é fundamental na prática médica chinesa”, mas quem sabe mobilizar o “Qi interno” e o “Qi externo”, visando à cura do paciente? Isto é realmente factível? Como isso pode ser evidenciado? O que é mobilizar Qi? Como a medicina moderna encara esta questão?

No passado, a formação médica tradicional envolvia, além do conhecimento técnico, a preparação energética do discípulo, mediante práticas físicas e mentais. Todo o arcabouço pedagógico foi erigido visando à formação de um terapeuta integral nos planos físico, mental e energético. Dessa forma, cabia ao mestre compreender a natureza individual (potencial) de seu discípulo para formular o melhor treinamento para ele, naturalmente, sem comprometer o aprendizado coletivo em ambiente escolar. Assim, o discípulo tinha uma formação acadêmica dupla: uma coletiva, e a outra individual. A primeira voltada para o aprendizado formal cognitivo-prático da arte-ciência médica chinesa, e a outra em caráter particular na qual se desenvolvia o treinamento psicofísico, através de práticas corporais, incluídas atividades meditativas e energéticas. Dessa forma, podia-se assegurar a competência do discípulo, em sabendo mobilizar o Qi, melhor tratar o seu paciente. Este tipo de formação laboral ainda é possível encontrar no Oriente, mas é cada vez mais raro.

A Medicina Chinesa, em verdade, envolve muitos ramos terapêuticos e a sua prática conjunta surte muito mais efeito do que apenas um deles isoladamente. No Ocidente, a Acupuntura se destaca, e a sua aprendizagem se distanciou da formação tradicional, limitando-se ao pragmatismo terapêutico e ao ato mecânico da inserção de agulhas nos pontos de Acupuntura, consoante, sobretudo, a sintomatologia do paciente, considerando o diagnóstico clínico-nosológico ocidental e, para os que sabem fazer, o diagnóstico

energético oriental. Este procedimento, entretanto, é muito limitado, em face da riqueza de avaliação do paciente e de todo o conjunto terapêutico do sistema médico chinês.

Não há condições, segundo a tradição médica chinesa, de se mobilizar corretamente o Qi do paciente, visando à cura e a preservação da saúde, se o terapeuta não conseguir mobilizar o seu próprio Qi. Isto significa que o terapeuta tem que ter saúde para promover saúde, e que para mobilizar o Qi externo oriundo da natureza é fundamental ter domínio do próprio Qi. Quando o terapeuta toca no paciente, ele transmite Qi; quando insere uma agulha transmite seu próprio Qi para o paciente, através do toque na agulha; quando mobiliza seu Qi mental (*Shen*), visando à cura do paciente, o terapeuta está transduzindo, ou seja, convertendo, a sua energia mental em estímulo terapêutico de baixa nociceptividade, por ser uma ação sutil e subliminar, mas de grande resultado terapêutico. Esse processo é chamado no Japão pelos monges budistas de *San Mitsu Kaji*, que é uma habilidade de converter a energia da palavra, do pensamento e da ação em uma única ação energética sincrônica e coerente, objetivando a transformação energética do paciente com o objetivo de cura. As mãos do terapeuta podem provocar alterações fisiológicas no organismo do paciente, através da interação entre os campos bioeletromagnéticos próprios de cada ser vivo, uma vez que estes possuem certas potencialidades e polaridades elétricas, que podem ser atribuídas à direção da rotação dos elétrons. Todas essas ações modificam o estado energético do paciente, possibilitando, assim, que o terapeuta possa mobilizar com segurança o Qi do paciente.

A chamada mobilização do Qi mental ensinada e propagada no Brasil mais parece com procedimentos de hipnoterapia e psicoterapia ocidental do que mesmo com a verdadeira Mobilização do Qi, de acordo com o sistema tradicional chinês. Mobilizar Qi mental é mobilizar o Qi dos três centros de energia do corpo, chamados de *Dantiens* (em japonês, *Tandens*), ou seja, é mobilizar o Qi de todo o corpo e não apenas da mente, porém quando se trata em direcionar o Qi, faz-se mister lembrar da assertiva clássica de que o rumo que o *Shen Qi* toma, leva a reboque todo o sistema energético do indivíduo na mesma direção.

Não vai ser sentado atrás de uma mesa de trabalho, ou vivendo sedentariamente, que o terapeuta vai obter êxito nesse processo. Ele terá que se aperfeiçoar física, mental e energeticamente, fortalecendo a sua unidade de Qi para poder mobilizar o Qi de cura do paciente. Para tanto, o terapeuta tem que ser adequadamente treinado por um mestre experiente, e não apenas aprender intelectual e racionalmente os procedimentos terapêuticos. Todas estas condutas são completamente ignoradas pelo sistema médico ocidental, e até mesmo pelos novos profissionais acupunturistas do Ocidente, influenciados pelo tecnicismo contemporâneo. Naturalmente, os profissionais ocidentais, especialmente os médicos, depreciam e desdenham dessa sabedoria milenar da Medicina

Chinesa por carência quase absoluta de informação fidedigna dessa ciência tradicional, ou mesmo por puro preconceito.

A educação médica tradicional do Oriente se baseia no binômio competência-habilidade. Ou seja, no conhecimento teórico, rico em conceitos e observações precisas da natureza humana, integrado aos aprendizados tradicionais que conectam o homem com os potenciais da natureza universal em todos os seus aspectos: físico, psíquico e energético. Essa integração do saber-fazer representa a própria arte-ciência médica oriental.

As condições psicoemocionais e físico-energéticas do terapeuta podem influenciar favoravelmente o paciente em busca da cura. Hipócrates, pai da medicina ocidental, assim como tantos outros médicos da história da humanidade, jamais deixou de valorizar a autoridade da medicina vitalista (energética). Os médicos tradicionais do passado tinham essa mesma visão da energética corporal humana, interagindo com a dinâmica energética do universo. Alguns mestres orientais ainda hoje adotam esses conceitos e práticas tradicionais de cura, contudo, são poucos. Imagino como seria importante resgatar essa fantástica sabedoria milenar em favor do terapeuta e de seu paciente. Mas, como seria possível consolidar essa formação profissional no Brasil?

No Brasil existem duas atuações terapêuticas com a Acupuntura. A primeira exercida por acupunturistas de formação específica oriundos das diversas profissões regulamentadas do país, associados aos acupunturistas de nível médio os quais tentam associar os conhecimentos da Acupuntura tradicional com a ciência contemporânea. A segunda, exercida por médicos alopatas que passaram a entender o mecanismo de ação da Acupuntura fundamentado na teoria neurobiológica, abdicando de quase toda a teoria clássica da Medicina Chinesa, imergindo, assim, em um discurso circunscrito ao cientificismo. Raros são os acupunturistas que compreendem e praticam a Acupuntura no contexto da antiga tradição médica chinesa, ou seja, no modelo integrado tradicional.

Dessa forma, constatamos que, não obstante ao grande esforço dos acupunturistas ocidentais em buscar uma melhor formação acadêmica, eles ainda carecem da experiência na mobilização de Qi, que não se limita apenas ao acesso à informação acadêmica, mas, especialmente, à vivência da experimentação cotidiana do domínio do Qi Interno, do Qi Externo e do Qi do paciente, sob o olhar vigilante de um mestre que tenha experiência no assunto. A carência de mestres da Medicina Chinesa em mobilização do Qi se deve à falta de tempo de dedicação ao treinamento; ao preconceito de que mobilizar Qi possa parecer algo metafísico ou místico; à falta de disposição para se submeter a um treinamento no qual haja a necessidade de mudar o estilo de vida, abandonando os maus hábitos e se dedicando à valorização da relação do homem com a natureza, uma vez que a captação do Qi Externo depende do fluxo energético universo-homem.

Há muito potencial de Qi sendo desperdiçado ou, simplesmente, ignorado na relação terapeuta-paciente por absoluta falta de domínio, de consciência e de destreza no trato com a energia. A limitação terapêutica circunscrita à prática da técnica fria e mecânica; o abandono do potencial inato energético humano adormecido e dessa incrível força de cura que se esconde no âmago do terapeuta e do paciente; e a ausência de conhecimento da extraordinária habilidade de direcionar o Qi para a cura e para o bem-estar do paciente, é uma restrição lamentável. Por consequência, estamos ignorando a lei de ação-reação em benefício do próprio terapeuta.

O terapeuta/médico do modelo tradicional chinês tinha uma formação EXTERNA e uma formação INTERNA de mobilizar a energia. Nós, ocidentais, aprendemos a técnica mecânica e usufruímos apenas de uma parte da formação Externa para o exercício profissional, renunciando, por força de absoluto desconhecimento, da formação Interna no tocante a adequada mobilização do Qi. Quem se habilita em mobilizar o Qi interno? Querer é uma coisa, poder é outra! Apesar de toda a dificuldade de se encontrar um mestre experiente nesse campo do conhecimento e da dificuldade de toda ordem para se dedicar ao treinamento nessa área, fica-nos a lembrança de que é possível mobilizar Qi e que, para mobilizá-lo, torna-se necessária apenas a vontade de seguir o TAO.

Prof. Sohaku Bastos

- Diretor no Brasil da *World Federation of Acupuncture-Moxibustion Societies – WFAS*
- Membro Acadêmico da *World Federation of Chinese Medicine Societies – WFCMAS*
- Representante Acadêmico no Brasil da *World Academic Society of Medical Qigong - WASMQ*
- Membro Titular da *China Association of Acupuncture and Moxibustion – CAAM*, vinculada à *China Academy of Chinese Medical Sciences - CACMS*

Os interessados nesse campo do conhecimento, e que quiserem participar de trabalhos e de pesquisas nessa área profissional, entrem em contato conosco pelo e-mail: saba.cmt@gmail.com

APOIO:

